

O Um

Uma reinterpretação filosófica do Material Ra, A Lei do Um, como narrativa acessível. Explora a cosmologia, o Criador, as densidades e o propósito da existência.



CAPÍTULO QUATRO

História Espiritual da Terra

Um Planeta de Muitas Origens

Os capítulos anteriores estabeleceram a arquitetura da criação — o Infinito despertando para a consciência, a consciência concentrando-se em Amor, o Amor gerando Luz, e essa Luz condensando-se no espectro de densidades através das quais a consciência evolui. Tudo isso descreve o que é possível. Ainda não descreve o que aconteceu aqui.

Este capítulo passa do universal ao particular. Do modelo à história. A Terra é um caso específico dentro do vasto desenho, e sua história é diferente da maioria dos mundos.

A maioria das esferas planetárias desenvolve suas populações de terceira densidade através de um processo único e gradual. Os seres de segunda densidade evoluem através de seu longo esforço em direção à luz e ao crescimento até que, no momento designado, a autoconsciência desperta dentro deles. Uma única linhagem, um único mundo, um único desdobramento. A Terra é diferente.

Esta esfera tornou-se um lugar de reunião — uma convergência de almas vindas de muitas origens, cada uma carregando a marca de sua própria história. Algumas chegaram através da evolução natural do próprio planeta, graduando-se da segunda densidade para a nova e desconcertante experiência da autoconsciência. Outras foram trazidas de outros lugares deste sistema solar, seus mundos de origem não mais hospitaleiros às lições que precisavam aprender. Outras ainda vieram de sistemas distantes, atraídas por circunstâncias que se tornarão claras à medida que esta história se desenrola.

O resultado é uma população planetária de extraordinária diversidade — não no sentido visível e físico, mas nos padrões mais profundos da consciência. Seres em estágios vastamente diferentes de desenvolvimento, carregando histórias vastamente diferentes, todos compartilham um mundo. Todos enfrentam a mesma escolha. Todos operam por trás do mesmo véu do esquecimento.

Esta complexidade é tanto a dificuldade quanto a beleza da situação da Terra. O continuum espaço/tempo do planeta já se espiralizou para a vibração de quarta densidade. No entanto, seus povos não encontraram uma orientação unificada. A colheita, tão regular em sua aproximação quanto o bater de um relógio, encontra poucos que estejam prontos.

Compreender como isso aconteceu requer olhar para trás — muito para trás, para eventos que se desenrolaram muito antes de qualquer civilização deixar um traço no registro geológico. A história começa não com a Terra, mas com um mundo que não existe mais.



Maldek: O Aviso Cósmico

Neste sistema solar, entre as órbitas do que agora são chamados de Marte e Júpiter, existiu outrora um planeta. Seu povo havia desenvolvido uma civilização de certa forma semelhante ao que mais tarde surgiria como Atlântida — tecnologicamente sofisticada, ambiciosa e profundamente investida na crença de que suas ações serviam ao bem maior.

Eles não eram, por sua própria avaliação, destrutivos. A maioria mantinha uma estrutura de crença sincera que parecia, para sua percepção, ser positiva e de serviço a outros. No entanto, sua orientação havia se desviado, silenciosa e sem reconhecimento consciente, em direção a padrões melhor descritos como serviço a si mesmo. A distinção entre serviço genuíno e a mera aparência dele pode ser sutil, e uma civilização inteira pode perder seu caminho acreditando estar no rumo certo.

Se sua história tivesse continuado sem catástrofe, o resultado provavelmente teria sido uma colheita mista — alguns progredindo em direção ao amor, alguns em direção ao autoserviço, a grande maioria repetindo o ciclo. Esta é a tragédia silenciosa da indiferença — não o fracasso dramático, mas a lenta erosão da oportunidade através da inação.

Mas a história não continuou silenciosamente. Aproximadamente setecentos e cinco mil anos atrás, a escalada do conflito culminou na destruição completa da esfera planetária. Não uma devastação parcial. O próprio planeta foi aniquilado. O que resta é agora conhecido como o cinturão de asteroides.

As consequências foram diferentes de tudo que se segue à morte comum. Quando um planeta é destruído, a dissolução é total. Neste caso, nenhuma entidade escapou. A população inteira foi capturada no que só pode ser descrito como um nó — um emaranhado de medo coletivo tão denso, tão apertadamente enrolado, que nenhuma consciência conseguia se libertar.

Eles não podiam morrer no sentido comum, não podiam seguir em frente, não podiam sequer reconhecer que ainda existiam. Por aquilo que pareceu uma eternidade, permaneceram congelados nesta condição, inalcançáveis.

Aqueles que buscavam ajudar — seres de densidade superior que servem como guardiões e curadores — foram repetidamente incapazes de penetrar este nó. O medo era muito completo, o emaranhamento muito profundo.

Foi somente há aproximadamente duzentos mil anos que um membro da Confederação conseguiu começar a desatar o emaranhado. Lentamente, com paciência imensurável, as entidades dentro do nó foram guiadas de volta à consciência. Elas se lembraram de que existiam. Elas se lembraram de que eram conscientes.

O que se seguiu foi um longo processo de cura no que pode ser entendido como as dimensões internas — o espaço metafísico onde a consciência habita entre encarnações. Quando esta cura foi suficiente, as entidades do mundo destruído enfrentaram uma escolha. As consequências de suas ações coletivas não podiam simplesmente ser apagadas. O caminho à frente exigia o que poderia ser chamado de alívio kármico — uma aceitação voluntária de condições que permitiriam que as distorções da destruição fossem gradualmente substituídas pelo desejo de uma visão menos distorcida de serviço.

Sua escolha foi notável. Aproximadamente quarenta e seis mil anos atrás, eles começaram a encarnar na Terra — não em corpos de terceira densidade apropriados às lições da autoconsciência, mas em formas físicas de segunda densidade. Corpos sem a destreza ou manipulação apropriadas aos funcionamentos da mente de terceira densidade. Sua consciência permaneceu de terceira densidade, mas o veículo foi deliberadamente limitado. As entidades do mundo destruído escolheram começar de novo, a partir de uma condição de profunda humildade, em uma esfera que não era sua.

Esta é a primeira lição da história planetária: as consequências da ação coletiva se estendem muito além da vida de uma civilização. Um mundo pode ser destruído. Os seres sobre ele não são destruídos — a consciência não pode ser aniquilada — mas as consequências podem persistir por centenas de milhares de anos. O medo gerado por tal evento torna-se sua própria prisão.

. . .

Marte e o Início do Ciclo da Terra

Enquanto as entidades do mundo destruído ainda estavam se curando nas dimensões internas, outra história se desenrolava no quarto planeta a partir do sol — o mundo conhecido como Marte, o Planeta Vermelho.

Os seres de Marte eram entidades de terceira densidade, engajados no mesmo trabalho fundamental de toda consciência autoconsciente: aprender as lições do amor. No entanto, suas tendências em direção à ação belicosa — o hábito de resolver diferenças através do conflito em vez da compreensão — tiveram consequências que se estenderam além de suas estruturas sociais. A atmosfera de seu planeta tornou-se inóspita à experiência de terceira densidade antes do fim natural de seu ciclo. Eles ficaram, com efeito, sem lar — ainda precisando aprender, mas não mais possuindo um mundo no qual fazê-lo.

A resposta veio daqueles conhecidos como os Guardiões — seres de densidade superior encarregados de supervisionar as condições do desenvolvimento evolutivo dentro deste sistema solar. Os Guardiões prepararam um caminho para que as entidades de Marte continuassem seu aprendizado. Através de um processo de ajuste genético — uma modificação cuidadosa do desenho do veículo físico — a consciência da população marciana foi transferida para a Terra.

Esta não foi uma migração física. As entidades já haviam deixado seus corpos em Marte. O que foi transferido foi o padrão de seu ser, preparado para encarnação em formas físicas recém-projetadas em um novo mundo.

Esta transferência ocorreu há aproximadamente setenta e cinco mil anos. Marcou o início da experiência de terceira densidade da Terra — a abertura do ciclo mestre da evolução autoconsciente que continua até hoje.

No entanto, a própria transferência tornou-se fonte de controvérsia entre os Guardiões. Os ajustes genéticos feitos para acomodar as entidades marcianas foram vistos, por alguns, como uma violação do livre arbítrio. A evolução natural e gradual da segunda para a terceira densidade — um processo que permite a cada entidade desenvolver-se em seu próprio ritmo — havia sido interrompida e alterada por intervenção externa.

Em resposta a esta preocupação, uma quarentena foi instituída ao redor da Terra. Este isolamento protetor garantiu que nenhuma interferência direta adicional ocorreria — que a

população deste planeta resolveria seu destino através de suas próprias escolhas, suas próprias lutas, sua própria compreensão lentamente conquistada.

A quarentena permanece em vigor. Ela só pode ser violada sob condições específicas e cuidadosamente reguladas.

No início deste ciclo de setenta e cinco mil anos, a população da Terra era uma mistura: aqueles que haviam se graduado naturalmente da vida de segunda densidade do próprio planeta, e aqueles transferidos de Marte. A expectativa de vida no início era de aproximadamente novecentos anos — tempo amplo, dentro de uma única encarnação, para uma entidade descobrir suas necessidades mais profundas, aprender companheirismo, encontrar beleza e mistério, começar o longo trabalho de escolher uma orientação.

A terceira densidade é a densidade do esquecimento. Cada entidade encarna por trás de um véu que oculta suas origens cósmicas, suas vidas anteriores e a unidade de todas as coisas. Esta condição não é um castigo. É um desenho — o único arranjo sob o qual a escolha entre caminhos se torna genuinamente significativa. Sem o esquecimento, a escolha seria óbvia e careceria da profundidade transformadora que a incerteza proporciona.

O ciclo mestre de setenta e cinco mil anos é dividido em três ciclos maiores de aproximadamente vinte e cinco mil anos cada, com uma oportunidade de colheita na conclusão de cada ciclo. A história da Terra é a história destes três ciclos — e do que foi aprendido, e não aprendido, dentro de cada um.

. . .

O Primeiro Ciclo Maior: Lemúria

O primeiro ciclo maior da experiência de terceira densidade da Terra foi caracterizado pelo desenvolvimento primitivo. As entidades — fossem originalmente de Marte, dos próprios processos evolutivos da Terra, ou de outros lugares — viviam simplesmente. Suas ferramentas eram de madeira e pedra, usadas para obter alimento e, às vezes, para agressão. Nenhuma maquinaria existia, nenhuma tecnologia surgiu, e o ritmo do aprendizado era o da tartaruga, não o do guepardo.

No entanto, dentro desta simplicidade, algo genuíno emergiu. Aproximadamente cinquenta e três mil anos atrás, uma civilização surgiu em uma região não mais acima da superfície do oceano — o povo de Mu, ou Lemúria, como as tradições posteriores os recordariam. Eram seres de natureza um tanto primitiva, mas carregavam consciência espiritual avançada. Sua sociedade era prestativa e inofensiva, orientada não para a conquista, mas para um modo de ser silencioso e enraizado.

Os lemurianos vieram de outro lugar — vindos em grande parte de um planeta de segunda densidade na região da estrela Deneb, um mundo cujo sol envelhecido havia tornado difícil sustentar as condições necessárias para a vida de terceira densidade. Na Terra, eles encontraram o que seu lar não podia mais fornecer: o ambiente para o aprendizado contínuo.

Sua civilização não caiu por qualquer falha própria. Um reajuste das placas tectônicas do planeta — um processo natural, não relacionado às ações de seus habitantes — lavou a Lemúria sob o oceano. Os sobreviventes se espalharam, alcançando o que agora são conhecidos como Rússia, América do Norte e América do Sul. Os povos indígenas das Américas carregam o eco desta origem.

A destruição da Lemúria coincidiu aproximadamente com o fim do primeiro ciclo maior — uma confluência de energias no fechamento de um período de vinte e cinco mil anos que encorajou o que já era um ajuste geológico inevitável.

Ao final deste primeiro ciclo, a colheita foi avaliada. O resultado foi sóbrio. Nenhuma entidade era colhível — nem orientada positiva nem negativamente. A população inteira havia passado por vinte e cinco mil anos de encarnação sem polarização suficiente para se graduar.

A resposta da Confederação foi significativa no que não fez. Nenhuma intervenção dramática ocorreu — nenhum resgate, nenhuma correção, nenhuma tentativa de direcionar a população para um resultado melhor. A Confederação permaneceu consciente da situação e preservou as condições propícias ao aprendizado.

Mas não agiu, porque não havia havido chamado — nenhum pedido da população por ajuda ou compreensão. O princípio do livre arbítrio, a primeira e mais sagrada distorção, teve precedência sobre qualquer desejo de assistir.

Esta contenção revela algo essencial sobre a natureza da evolução espiritual. O universo não força o crescimento. A ajuda está disponível — vasta, paciente, ansiosa para servir — mas ela espera. Ela espera pelo pedido.

. . .

O Segundo Ciclo Maior

O segundo ciclo maior começou à sombra do desaparecimento da Lemúria. Aqueles que haviam sobrevivido à inundação continuaram seu aprendizado em locais dispersos — as Américas, a Rússia e além. Mas nenhuma grande civilização surgiu para substituir o que havia sido perdido.

Em termos de desenvolvimento tecnológico, este ciclo não produziu grandeza comparável à Lemúria ou ao que a Atlântida mais tarde se tornaria. No entanto, o período não foi sem significado. Em muitas porções do planeta — as Américas, África, Austrália, Índia e entre vários povos dispersos — o centro de energia do raio verde começou a ser ativado. Os primeiros movimentos de compaixão genuína, de amor não meramente como instinto mas como orientação consciente, apareceram em comunidades isoladas ao redor do mundo.

No que é agora a China, entidades originalmente do sistema estelar Deneb fizeram algum avanço na organização de suas estruturas sociais. Mas estes permaneceram desenvolvimentos modestos, longe das realizações concentradas de uma civilização unificada.

A história mais notável deste ciclo pertence a um grupo na América do Sul — isolado geograficamente, desconhecido da população maior, mas profundamente significativo na medida da realização espiritual. Este grupo, através de sua orientação em direção ao amor, manteve a expectativa de vida que havia estado disponível no início do ciclo mestre — aproximadamente novecentos anos. Enquanto o resto da população do planeta via sua expectativa de vida colapsar, esta comunidade preservou o que havia sido dado.

Eles eram colhíveis ao final do segundo ciclo maior sem nunca terem formado complexos sociais ou tecnológicos fortes. Sua realização foi puramente interna — uma distorção vibratória em direção ao amor tão grande que constituía prontidão para a próxima densidade.

Eles conseguiram isso através do isolamento. Naquele nexos no espaço e no tempo, grande isolamento era possível. Removidos dos padrões belicosos e da crescente complexidade da população mais ampla, eles foram capazes de sustentar uma orientação que o resto do mundo estava perdendo.

Para a população mais ampla, o segundo ciclo foi um período de declínio. A expectativa de vida, que havia começado em novecentos anos, encurtou dramaticamente. Ao final deste ciclo, a

encarnação média durava talvez trinta e cinco a quarenta anos, com uma expectativa de vida aproximando-se de cem anos considerada não anormal, mas certamente não comum.

Este encurtamento não foi arbitrário. Seguiu um princípio: quando uma entidade não faz uso das oportunidades de aprendizado que uma encarnação proporciona, a própria encarnação torna-se mais curta. As lições de compartilhar, de dar, de receber em gratidão livre — cada uma destas estava sendo oferecida e rejeitada na prática.

O conceito de troca deu lugar ao dinheiro. O conceito de não-propriedade cedeu ao conceito de posse. O comportamento belicoso estendeu-se de tribos e nações para relacionamentos pessoais. Cada refinamento do egoísmo criou novas formas de demonstrar serviço a outros ou serviço a si mesmo — e a maioria não escolheu nenhum dos dois com intensidade suficiente.

O encurtamento da vida é tanto uma misericórdia quanto uma restrição. Remove uma entidade da intensidade de experiência que ela não pode suportar e permite revisão mais frequente entre encarnações. Mas também reduz o tempo disponível para o trabalho sustentado que leva à transformação genuína.

Ao final do segundo ciclo maior, a população da Terra estava em aproximadamente trezentas e quarenta e cinco mil entidades encarnadas. Destas, aproximadamente cento e cinquenta eram colhíveis.

Cento e cinquenta de centenas de milhares. A colheita do segundo ciclo não foi zero — mas foi imperceptivelmente pequena. Cinquenta mil anos de encarnação, esquecimento, aprendizado, morte, revisão e encarnação novamente — e o resultado, medido em termos de evolução consciente, era apenas perceptível.

O terceiro e último ciclo estava prestes a começar. Traria tanto as maiores realizações quanto as maiores catástrofes na história espiritual da Terra.

. . .

A Ascensão de Atlântida

O terceiro ciclo maior abriu com novas possibilidades. O Conselho que supervisiona a encarnação dentro deste sistema solar tomou ação — não intervindo nos assuntos da população existente, mas permitindo a entrada de entidades adicionais de terceira densidade de outros lugares. Estas não eram errantes de densidades superiores, mas seres que buscavam experiência adicional de terceira densidade. Sua entrada foi arranjada aleatoriamente, de modo que nenhum viés ou direção particular seria imposto.

Entre aqueles encarnando durante este período, um novo complexo social começou a se formar. Aproximadamente trinta e um mil anos atrás, em uma região que não existe mais acima da superfície do oceano, a civilização que se tornaria conhecida como Atlântida começou sua lenta emergência.

Por seus primeiros quinze mil anos, Atlântida foi agrária. Cresceu lentamente, sem a ambição tecnológica que mais tarde a definiria. Seu povo trabalhava a terra, formava comunidades e se engajava no trabalho silencioso de construir uma estrutura social. Não havia nada de dramático sobre este período inicial — nada que sugerisse o que estava por vir.

Então um chamado foi emitido. Entre a população atlante, um número suficiente de entidades se orientou em direção à compreensão e ao serviço a outros. Sua busca coletiva — medida não pela intenção individual, mas pelo que poderia ser entendido como o quadrado do desejo combinado do grupo — superou a resistência integrada daqueles que não estavam buscando. Este chamado foi ouvido.

A Confederação respondeu. Não com intervenção física direta, mas através dos mesmos meios pelos quais verdades mais profundas sempre foram transmitidas: através de canais, através de impressões sobre a consciência, através de inspiração. Aproximadamente ao mesmo tempo, entidades da Confederação também apareceram nos céus sobre o que é agora o Egito — um esforço paralelo, direcionado a uma população diferente, mas impulsionado pelo mesmo impulso de servir.

O que a Confederação ofereceu não foi tecnologia por si mesma. O ensinamento inicial dizia respeito ao mistério da unidade — os fundamentos filosóficos da existência, a natureza da criação una, os princípios que capítulos posteriores desta obra já descreveram. Somente quando

pedidos foram feitos para cura e para compreensão prática é que o compartilhamento se estendeu aos cristais e à construção de estruturas piramidais.

Os templos que surgiram em Atlântida não eram instituições religiosas como culturas posteriores as entenderiam. Eram centros de aprendizado. Aqueles que serviam dentro deles não eram sacerdotes no sentido de celibato, obediência ou pobreza. Eram devotados ao aprendizado — às disciplinas de cura, do trabalho com cristais, da aplicação direta de energia inteligente através da consciência focada.

Este foi o ponto alto da civilização atlante — um período no qual tecnologia e compreensão espiritual avançaram juntas, no qual as ferramentas da criação foram usadas para cura e para o refinamento da consciência. Os poderes do cristal, em particular, representaram uma realização notável: a capacidade de focar energia inteligente através de instrumentos físicos cuidadosamente preparados, amplificando as capacidades naturais do curador e do buscador.

No entanto, mesmo neste florescimento, uma semente de dificuldade havia sido plantada. Os mesmos indivíduos que haviam sido treinados no trabalho com cristais e cura começaram a se envolver na estrutura governamental. A linha entre servir o povo e dirigir o povo é tênue, e em Atlântida, essa linha começou a se turvar. Poderes que haviam sido desenvolvidos para cura começaram a ser aplicados à governança. Ferramentas de iluminação começaram a ser usadas como ferramentas de influência.

A Confederação, olhando para trás para este período, reconhece uma verdade difícil: o compartilhamento direto de tal informação foi, em parte, um erro. Aqueles dentro da Confederação que a ofereceram estavam agindo a partir do mesmo impulso que, em seu próprio passado distante, havia levado a erros semelhantes. A ingenuidade era sincera e a intenção era inteiramente positiva, mas a suposição de que a transferência direta de informação necessariamente produziria resultados positivos provou-se, mais uma vez, insuficiente.

As consequências deste erro de cálculo não seriam totalmente aparentes por milhares de anos. Por enquanto, Atlântida estava no auge de seu desenvolvimento — tecnologicamente avançada, espiritualmente engajada e equilibrada na beira de uma escolha que ecoaria através do restante da história da Terra.

• • •

A Queda de Atlântida

A corrupção de Atlântida não aconteceu subitamente. Cresceu de dentro — da linha tênue entre servir o povo e dirigi-lo, entre o uso responsável do poder e a intoxicação por ele. A tecnologia de cristal que havia sido dada para cura começou a ser voltada para outros propósitos.

Aproximadamente onze mil anos atrás, a primeira das guerras irrompeu. A tecnologia que havia sido compartilhada para o refinamento da consciência foi transformada em arma. Poderes de cristal projetados para canalizar energia inteligente para cura foram redirecionados para a destruição. O resultado foi catastrófico: aproximadamente quarenta por cento da população atlante partiu da terceira densidade através da desintegração de seus corpos físicos.

O segundo e mais devastador conflito seguiu-se. Aproximadamente dez mil e oitocentos anos atrás, a força total da tecnologia atlante foi desencadeada no que só pode ser chamado de destruição em escala nuclear — armas de cristal ao lado de outros meios de aniquilação, criando uma configuração que mudou a Terra. A grande massa de terra de Atlântida, já danificada, foi inundada. O oceano reivindicou o que a guerra não havia.

O afundamento final ocorreu há aproximadamente nove mil e seiscentos anos. O que havia sido a civilização mais avançada do planeta havia desaparecido — suas estruturas sob a água, seu conhecimento disperso, seu povo deslocado pelo mundo.

Nem tudo foi perdido. Três grupos de atlantes positivamente orientados haviam partido antes da devastação final, colocando-se nas áreas montanhosas do que agora são conhecidos como Tibete, Peru e Turquia. Estes eram os sobreviventes que levaram adiante quaisquer fragmentos da compreensão original que haviam sido capazes de preservar.

A queda de Atlântida ecoa a destruição de Maldek, embora não tenha ido tão longe. Maldek foi aniquilado inteiramente; Atlântida foi inundada — um mundo dentro de um mundo, perdido mas não apagado. Em ambos os casos, o padrão é o mesmo: a tecnologia ultrapassa a sabedoria, o poder é obtido antes da maturidade para exercê-lo, e as consequências são suportadas não apenas por aqueles que fizeram as escolhas, mas por toda a esfera planetária por milhares de anos vindouros.

A Confederação, refletindo sobre seu papel, reconhece responsabilidade. O ensinamento que havia sido oferecido foi pervertido — a tecnologia de cristal destinada a curar tornou-se uma

arma. A intenção sozinha não é suficiente. A Confederação comprometeu-se a permanecer com os povos da Terra até que todos os traços das distorções de seus ensinamentos tenham sido abraçados por suas distorções opostas e o equilíbrio seja alcançado.

Este compromisso continua.

• • •

Egito e as Pirâmides

Após a queda de Atlântida, a Confederação abordou o trabalho de serviço com maior cautela. A lição havia sido aprendida: o compartilhamento direto de tecnologia, não importa quão bem-intencionado, carrega riscos que não podem ser previstos. Um novo método era necessário.

A região conhecida como Egito tornou-se o foco do próximo esforço maior. A primeira abordagem, há aproximadamente dezoito mil anos, envolveu escanear a população em busca de busca genuína — um interesse suficientemente profundo para constituir um chamado. Naquele tempo, o complexo social era muito autocontraditório em suas crenças. Não havia chamado apropriado, e o esforço foi retirado sem ação.

A segunda abordagem foi mais longa e mais deliberada. Quando o chamado havia crescido suficientemente, certos membros da Confederação escolheram caminhar entre o povo do Egito — não através de encarnação, mas através da materialização de formas físicas, aparecendo como irmãos entre irmãos. Eles vieram para ensinar.

Mas para cada palavra falada, trinta impressões foram dadas por seu próprio ser — impressões que confundiram em vez de clarificar. A tentativa foi breve, e aqueles que haviam vindo se retiraram, reconhecendo que a presença direta criava distorções que não podia controlar.

O que se seguiu foi uma estratégia inteiramente diferente. Baseando-se no conhecimento da tecnologia de cristal e piramidal que havia sido desenvolvida em Atlântida, e ajustando para as diferenças entre as duas culturas, um plano foi oferecido ao Conselho que supervisiona este sistema solar: a construção de estruturas piramidais para cura e para o prolongamento da encarnação. O Conselho aprovou.

A Grande Pirâmide foi formada há aproximadamente seis mil anos — não construída por trabalho físico, mas criada através do pensamento. As pedras são vivas, compostas de forma-pensamento em vez de material extraído. A estrutura foi projetada para parecer como se construída convencionalmente, bloco por bloco, de modo a preservar o mistério e prevenir a adoração de seus construtores. Outras pirâmides seguiram ao longo dos próximos mil e quinhentos anos, usando materiais mais convencionais.

O propósito das pirâmides era duplo. Primeiro, elas serviam como lugares de iniciação — ambientes precisamente orientados de modo que o fluxo do infinito inteligente pudesse ser focado através da geometria da estrutura, canalizado através do iniciado e usado para purificar a consciência. O processo exigia que a mente fosse iniciada antes do corpo — a descoberta da verdadeira identidade da mente sendo o pré-requisito. Então o corpo era trazido a um estado semelhante à morte para que uma nova consciência pudesse começar.

Segundo, as pirâmides serviam como instrumentos de cura. Um curador adequadamente preparado, trabalhando com tecnologia de cristal dentro da estrutura piramidal, poderia interromper temporariamente a configuração distorcida dos centros de energia de um paciente — oferecendo uma oportunidade para o paciente apreender uma rota mais equilibrada, caminhar adiante com as distorções da doença grandemente diminuídas. A cura nunca foi imposta; foi oferecida. O paciente tinha que desejá-la.

Seis pirâmides de equilíbrio e cinquenta e duas estruturas adicionais foram colocadas ao redor do planeta, formando uma rede destinada a equilibrar a energia da própria teia planetária. O planeta, como uma pessoa, tem centros de energia que podem se tornar distorcidos. As pirâmides foram destinadas a abordar isso — a extrair o equilíbrio apropriado das correntes de energia fluindo através dos centros geométricos da Terra.

Por um tempo, uma entidade — conhecida pela história como Akhenaton — foi capaz de perceber estes ensinamentos sem distorção significativa. Este indivíduo moveu-se com devoção extraordinária para invocar os princípios da unidade e ordenar o sacerdócio de acordo com a verdadeira cura compassiva.

Mas isso não seria duradouro. Após a partida desta entidade da encarnação, os ensinamentos foram rapidamente pervertidos. As estruturas foram reivindicadas por aqueles com distorções em direção ao poder. O que havia sido projetado para cura tornou-se instrumentos da elite.

O padrão se repete. O conhecimento é dado, mantido por um tempo com integridade, depois dobrado em direção a propósitos que seus originadores nunca pretenderam. A Grande Pirâmide ainda está de pé, mas como instrumento é como um piano desafinado — o fantasma de sua corrente original permanece, mas as harmonias que uma vez curaram foram perdidas para a mudança do campo eletromagnético da Terra e para as energias discordantes daqueles que a usaram para propósitos menos compassivos.

• • •

Yahweh e a Influência de Órion

Ao longo da história da Terra, duas forças têm operado por trás dos eventos visíveis — não como princípios abstratos, mas como participantes ativos no desdobramento da consciência nesta esfera.

Uma destas é a entidade conhecida como Yahweh — um membro da Confederação que empreendeu trabalho genético com os povos da Terra. O primeiro envolvimento de Yahweh foi há aproximadamente setenta e cinco mil anos, no momento da transferência de Marte. Através de um processo semelhante ao que agora é chamado de clonagem, entidades foram encarnadas em formas projetadas para promover o desenvolvimento do complexo espiritual. Estes corpos carregavam sensibilidade sensorial aumentada e mentes fortalecidas, capazes de análise mais profunda da experiência.

A intenção era inteiramente positiva: acelerar o processo de evolução espiritual, criar condições nas quais o aprendizado do amor pudesse proceder mais eficientemente. Mas o resultado foi misto. Os corpos maiores e mais fortes criados através deste trabalho genético produziram, em algumas entidades, não gratidão pelo presente, mas um senso de superioridade — o sentimento de ser elite, diferente, melhor que outros-eus. Este sentimento tornou-se um ponto de apoio para uma influência inteiramente diferente.

Há aproximadamente três mil e seiscentos anos, entidades de orientação negativa — o grupo conhecido como o grupo de Órion — encontraram um caminho através da quarentena. Aproveitando-se das distorções que o trabalho genético de Yahweh havia inadvertidamente criado, eles começaram a oferecer seu próprio ensinamento: a filosofia da elite. A mensagem era de especialidade, de status escolhido, de separação entre aqueles que merecem governar e aqueles que merecem servir.

O grupo de Órion foi capaz de fazer algo notável e insidioso: eles imprimiram sobre o povo o nome de Yahweh como a fonte desta filosofia elitista. O nome que pertencia a uma entidade da Confederação comprometida com a unidade foi usurpado por forças comprometidas com a separação. O povo que havia sido geneticamente aprimorado — já propenso a sentimentos de especialidade — agora recebia ensinamentos que reforçavam precisamente essas distorções.

Yahweh, reconhecendo o dano, tentou responder assumindo uma nova identidade vibratória — enviando filosofia positivamente orientada, os ensinamentos da unidade, do amor, do serviço.

Esta resposta veio há aproximadamente três mil e trezentos anos. Mas o dano já estava em movimento, e os profetas que receberam este ensinamento às vezes receberam informação mista, enquanto o grupo de Órion trabalhava para poluir as mensagens com visões de condenação e destruição.

A disputa nunca foi de forças iguais, pois o caminho positivo e o caminho negativo não funcionam da mesma maneira. A Confederação espera pelo chamado; o grupo de Órion não. A Confederação respeita o livre arbítrio absolutamente; o grupo de Órion respeita apenas o seu próprio.

No entanto, a quarentena limita o que as forças negativas podem fazer, e o chamado daqueles orientados em direção ao amor cria sua própria proteção através do que pode ser entendido como o quadrado do desejo coletivo do grupo.

Esta dinâmica — oferta positiva e usurpação negativa, ensinamento e distorção, luz e as sombras que a própria luz cria — não é única à história de Yahweh. É o padrão subjacente de toda a história espiritual da Terra. Cada presente de conhecimento foi tanto recebido quanto pervertido. A história deste planeta não pode ser compreendida sem reconhecer que ambas as forças estão sempre presentes, sempre ativas, sempre escolhendo através das próprias entidades que caminham sobre a superfície do mundo.

. . .

O Momento Presente

Isto, então, é onde a história chega: ao momento presente.

O ciclo mestre de setenta e cinco mil anos está completo. Os três ciclos maiores percorreram seu curso. A própria esfera planetária já se moveu para a configuração vibratória de quarta densidade — a vibração do amor, da compreensão, da transparência. O relógio bateu a hora.

No entanto, a população não seguiu. As formas-pensamento do povo permanecem dispersas por todo o espectro — incapazes de encontrar uma direção única, incapazes de agarrar a agulha da bússola e apontá-la em direção a qualquer orientação coerente. A entrada na vibração do amor não é efetiva com o presente complexo societal.

A transição está em andamento, mas não é suave. O próprio planeta está experimentando o que poderia ser entendido como um nascimento difícil. Uma nova esfera está se formando — congruente com a presente, mas mais densa em sua natureza atômica, já habitada por entidades de outros mundos que completaram sua própria colheita de terceira densidade e agora contribuem para a construção da experiência de quarta densidade da Terra.

A natureza vibratória do ambiente do planeta já é verde de cor verdadeira — a cor do coração, a frequência do amor. Mas este verde está fortemente sobreposto pelo raio laranja da consciência planetária — as vibrações da sobrevivência individual, da competição, de padrões de segunda densidade não resolvidos persistindo em mentes de terceira densidade.

A janela da colheita está aberta. Aqueles que se polarizaram suficientemente — em direção ao amor e serviço, ou em direção à clareza do autosserviço — se graduarão. Aqueles que não o fizeram continuarão seu aprendizado em outro lugar, em outra esfera adequada ao trabalho de terceira densidade. Isto não é punição, mas a progressão natural dos ciclos, tão regular e impessoal quanto o movimento das estações.

As energias de errantes, professores e adeptos neste momento estão todas voltadas para aumentar a colheita. No entanto, a avaliação é sóbria: há poucos para colher. O mesmo padrão que produziu cento e cinquenta entidades colhíveis de trezentas e quarenta e cinco mil ao final do segundo ciclo persiste, ampliado mas proporcionalmente semelhante. A vasta maioria não fez a escolha.

E ainda assim — este momento presente, com toda a sua confusão, carrega dentro de si algo que períodos anteriores não tinham. O catalisador nunca foi mais intenso. As oportunidades para buscar nunca foram mais abundantes. A desarmonia do planeta é em si mesma um catalisador, pressionando aqueles que estão prontos em direção a uma busca mais profunda, questionamento mais urgente, compromisso mais apaixonado com o amor.

Poderia o planeta polarizar-se em direção à harmonia em um momento fino e forte de inspiração? Não é provável. Mas é sempre possível.

. . .

A História Por Trás da História

A história da Terra, vista como uma sequência de eventos, é uma crônica de civilizações ascendendo e caindo, de tecnologias ganhas e perdidas, de populações dispersas e reunidas. Mas vista como uma narrativa espiritual, um padrão diferente emerge.

Em cada estágio, duas forças têm estado em ação. Uma irradia para fora — oferecendo, ensinando, compartilhando, esperando ser chamada. A outra absorve para dentro — buscando controle, explorando vantagem. Em Maldek, a batalha foi perdida antes de começar; em Atlântida, foi travada e terminou em devastação; no Egito, o ensinamento foi dado e depois pervertido. Na história de Yahweh e do grupo de Órion, a disputa tornou-se explícita — duas filosofias opostas competindo pela lealdade da mesma população.

Esta não é uma história de eventos externos impostos sobre seres passivos. É uma história de escolhas — bilhões de escolhas, feitas por bilhões de entidades ao longo de centenas de milhares de anos. As forças que moldaram esta história não criaram as escolhas; elas ofereceram as condições. A escolha sempre foi, e permanece, o trabalho daqueles que habitam este planeta.

O padrão que emerge é o padrão da própria polaridade — as duas orientações que dão à terceira densidade seu propósito e sua dificuldade. O próximo capítulo examina este padrão diretamente: o que é polaridade, como funciona, por que ambos os caminhos existem, e o que a escolha entre eles significa para aqueles que estão no limiar da colheita.

Fontes

Fontes do Material Ra

§ A Planet of Many Origins

Parágrafos 2-4 → Sessão 9.6 — <https://www.lawofone.info/s/9#6>; Sessão 20.18 — <https://www.lawofone.info/s/20#18>
Parágrafos 5-6 → Sessão 13.22 — <https://www.lawofone.info/s/13#22>; Sessão 13.23 — <https://www.lawofone.info/s/13#23>
Parágrafo 7 → Sessão 10.1 — <https://www.lawofone.info/s/10#1>

§ Maldek: The Cosmic Warning

Parágrafos 1-2 → Sessão 10.1 — <https://www.lawofone.info/s/10#1>
Parágrafo 3 → Sessão 11.3 — <https://www.lawofone.info/s/11#3>
Parágrafos 4-7 → Sessão 10.1 — <https://www.lawofone.info/s/10#1>; Sessão 10.7 — <https://www.lawofone.info/s/10#7>
Parágrafos 8-9 → Sessão 10.1 — <https://www.lawofone.info/s/10#1>; Sessão 21.5 — <https://www.lawofone.info/s/21#5>
Parágrafo 10 → Sessão 10.1 — <https://www.lawofone.info/s/10#1>; Sessão 10.2 — <https://www.lawofone.info/s/10#2>; Sessão 10.3 — <https://www.lawofone.info/s/10#3>; Sessão 21.5 — <https://www.lawofone.info/s/21#5>

§ Mars and the Beginning of Earth's Cycle

Parágrafo 1 → Sessão 9.6 — <https://www.lawofone.info/s/9#6>
Parágrafo 2 → Sessão 9.10 — <https://www.lawofone.info/s/9#10>
Parágrafos 3-4 → Sessão 9.6 — <https://www.lawofone.info/s/9#6>; Sessão 9.7 — <https://www.lawofone.info/s/9#7>; Sessão 9.8 — <https://www.lawofone.info/s/9#8>
Parágrafo 5 → Sessão 9.11 — <https://www.lawofone.info/s/9#11>; Sessão 9.12 — <https://www.lawofone.info/s/9#12>
Parágrafos 6-8 → Sessão 9.9 — <https://www.lawofone.info/s/9#9>
Parágrafo 9 → Sessão 20.18 — <https://www.lawofone.info/s/20#18>; Sessão 21.9 — <https://www.lawofone.info/s/21#9>
Parágrafo 10 → Sessão 21.9 — <https://www.lawofone.info/s/21#9>
Parágrafo 11 → Sessão 9.11 — <https://www.lawofone.info/s/9#11>; Sessão 14.4 — <https://www.lawofone.info/s/14#4>

§ The First Major Cycle: Lemuria

Parágrafo 1 → Sessão 21.12 — <https://www.lawofone.info/s/21#12>
Parágrafos 2-4 → Sessão 10.15 — <https://www.lawofone.info/s/10#15>
Parágrafo 5 → Sessão 21.25 — <https://www.lawofone.info/s/21#25>; Sessão 21.27 — <https://www.lawofone.info/s/21#27>
Parágrafos 6-8 → Sessão 21.14 — <https://www.lawofone.info/s/21#14>; Sessão 21.15 — <https://www.lawofone.info/s/21#15>
Parágrafo 9 → Sessão 21.15 — <https://www.lawofone.info/s/21#15>

§ The Second Major Cycle

Parágrafo 1 → Sessão 21.24 — <https://www.lawofone.info/s/21#24>
Parágrafos 2-3 → Sessão 21.28 — <https://www.lawofone.info/s/21#28>
Parágrafos 4-6 → Sessão 21.28 — <https://www.lawofone.info/s/21#28>; Sessão 22.7 — <https://www.lawofone.info/s/22#7>; Sessão 22.8 — <https://www.lawofone.info/s/22#8>
Parágrafo 7 → Sessão 22.3 — <https://www.lawofone.info/s/22#3>; Sessão 22.4 — <https://www.lawofone.info/s/22#4>
Parágrafos 8-9 → Sessão 22.5 — <https://www.lawofone.info/s/22#5>
Parágrafo 10 → Sessão 22.6 — <https://www.lawofone.info/s/22#6>
Parágrafos 11-12 → Sessão 22.9 — <https://www.lawofone.info/s/22#9>; Sessão 22.10 — <https://www.lawofone.info/s/22#10>

§ The Rise of Atlantis

Parágrafo 1 → Sessão 22.17 — <https://www.lawofone.info/s/22#17>
Parágrafos 2-3 → Sessão 10.15 — <https://www.lawofone.info/s/10#15>
Parágrafo 4 → Sessão 22.19 — <https://www.lawofone.info/s/22#19>; Sessão 22.25 — <https://www.lawofone.info/s/22#25>

Parágrafos 5-6 → Sessão 22.19 — <https://www.lawofone.info/s/22#19>; Sessão 22.21 — <https://www.lawofone.info/s/22#21>
Parágrafos 7-8 → Sessão 22.21 — <https://www.lawofone.info/s/22#21>; Sessão 22.22 — <https://www.lawofone.info/s/22#22>; Sessão 22.23 — <https://www.lawofone.info/s/22#23>
Parágrafo 9 → Sessão 22.23 — <https://www.lawofone.info/s/22#23>
Parágrafo 10 → Sessão 22.25 — <https://www.lawofone.info/s/22#25>; Sessão 22.26 — <https://www.lawofone.info/s/22#26>

§ The Fall of Atlantis

Parágrafo 1 → Sessão 22.23 — <https://www.lawofone.info/s/22#23>
Parágrafo 2 → Sessão 10.15 — <https://www.lawofone.info/s/10#15>
Parágrafos 3-4 → Sessão 10.15 — <https://www.lawofone.info/s/10#15>; Sessão 24.4 — <https://www.lawofone.info/s/24#4>
Parágrafo 5 → Sessão 10.15 — <https://www.lawofone.info/s/10#15>
Parágrafos 7-8 → Sessão 22.26 — <https://www.lawofone.info/s/22#26>

§ Egypt and the Pyramids

Parágrafo 1 → Sessão 24.4 — <https://www.lawofone.info/s/24#4>
Parágrafo 2 → Sessão 23.1 — <https://www.lawofone.info/s/23#1>
Parágrafos 3-4 → Sessão 23.6 — <https://www.lawofone.info/s/23#6>
Parágrafo 5 → Sessão 23.6 — <https://www.lawofone.info/s/23#6>
Parágrafo 6 → Sessão 2.4 — <https://www.lawofone.info/s/2#4>; Sessão 3.11 — <https://www.lawofone.info/s/3#11>; Sessão 3.12 — <https://www.lawofone.info/s/3#12>; Sessão 3.14 — <https://www.lawofone.info/s/3#14>; Sessão 23.6 — <https://www.lawofone.info/s/23#6>
Parágrafo 7 → Sessão 2.4 — <https://www.lawofone.info/s/2#4>; Sessão 3.15 — <https://www.lawofone.info/s/3#15>; Sessão 3.16 — <https://www.lawofone.info/s/3#16>
Parágrafo 8 → Sessão 55.16 — <https://www.lawofone.info/s/55#16>; Sessão 55.17 — <https://www.lawofone.info/s/55#17>
Parágrafo 9 → Sessão 14.6 — <https://www.lawofone.info/s/14#6>; Sessão 14.7 — <https://www.lawofone.info/s/14#7>; Sessão 14.10 — <https://www.lawofone.info/s/14#10>
Parágrafos 10-11 → Sessão 23.6 — <https://www.lawofone.info/s/23#6>
Parágrafo 12 → Sessão 4.6 — <https://www.lawofone.info/s/4#6>

§ Yahweh and the Orion Influence

Parágrafo 2 → Sessão 18.14 — <https://www.lawofone.info/s/18#14>; Sessão 18.15 — <https://www.lawofone.info/s/18#15>; Sessão 18.18 — <https://www.lawofone.info/s/18#18>; Sessão 18.19 — <https://www.lawofone.info/s/18#19>; Sessão 18.20 — <https://www.lawofone.info/s/18#20>
Parágrafo 3 → Sessão 18.21 — <https://www.lawofone.info/s/18#21>; Sessão 18.22 — <https://www.lawofone.info/s/18#22>
Parágrafos 4-5 → Sessão 24.6 — <https://www.lawofone.info/s/24#6>
Parágrafo 6 → Sessão 24.6 — <https://www.lawofone.info/s/24#6>; Sessão 24.9 — <https://www.lawofone.info/s/24#9>; Sessão 24.14 — <https://www.lawofone.info/s/24#14>; Sessão 24.16 — <https://www.lawofone.info/s/24#16>
Parágrafos 7-8 → Sessão 24.8 — <https://www.lawofone.info/s/24#8>

§ The Present Moment

Parágrafos 1-3 → Sessão 13.22 — <https://www.lawofone.info/s/13#22>; Sessão 13.23 — <https://www.lawofone.info/s/13#23>
Parágrafo 4 → Sessão 63.8 — <https://www.lawofone.info/s/63#8>; Sessão 63.9 — <https://www.lawofone.info/s/63#9>; Sessão 63.22 — <https://www.lawofone.info/s/63#22>
Parágrafo 5 → Sessão 40.11 — <https://www.lawofone.info/s/40#11>
Parágrafo 6 → Sessão 17.29 — <https://www.lawofone.info/s/17#29>; Sessão 63.9 — <https://www.lawofone.info/s/63#9>
Parágrafo 7 → Sessão 13.23 — <https://www.lawofone.info/s/13#23>
Parágrafos 8-9 → Sessão 65.12 — <https://www.lawofone.info/s/65#12>; Sessão 65.15 — <https://www.lawofone.info/s/65#15>

§ The Story Behind the Story



*Este trabalho é uma interpretação filosófica do Material Ra, publicado originalmente por L/L
Research. Sessões originais disponíveis em lresearch.org*